



**MEMÓRIAS**  
UM LADO POÉTICO  
DAVID LOUREIRO



David Loureiro de Souza Ferreira

DOS MEMÓRIAS  
UM LADO POÉTICO  
DAVID LOUREIRO

Monografia apresentada ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Artes Visuais  
Orientador: Prof. Eliana Ambrósio

Belo Horizonte  
2015



À Deus, por derramar todo o  
seu amor sobre mim, à minha  
família e amigos, por me  
incentivarem dia após dia e aos  
meus mestres, com carinho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todo o amor que me foi destinado durante este percurso curricular. A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. A minha avó Hilda e familiares, por fazerem parte fundamental na formação de meu caráter.

Agradeço ao professor Afrânio Ângelo do Prado Ornelas por entender minhas limitações e extrair o meu melhor.

À professora e orientadora Eliana Ambrósio pelo apoio no desenvolvimento do trabalho.

À Prof. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel, pelo suporte e incentivo.

Aos professores do ateliê de escultura: Fabrício José Fernandino e João Augusto Cristeli de Oliveira, pelo suporte no desenvolvimento do campo tridimensional do trabalho.

Aos amigos que fiz durante esse curso: Lívia, Mel, Gisele, Thomaz, Dulci e outros pelas brincadeiras, tornando o aprendizado mais leve; as conversas e conselhos, para que eu pudesse complementar a graduação.

Ao meu grande amigo Heitor Vinícius Alves, pela simplicidade e companheirismo.

Aos meus pais Antônio de Pádua Ferreira e Mabel Loureiro de Souza Ferreira pelos exemplos dados, correções, amor e apoio incondicional.

Aos meus irmãos Sara Loureiro de Souza Ferreira, Matheus Loureiro de Souza Ferreira e Carolina Martins pelos impulsos e alegria familiar.

À Diogo Navarro L. B. Naddêo, grande figura responsável pelos conselhos e encorajamentos perante a vida, desempenhando papel fundamental na conclusão deste ciclo.

Aos meus queridos tios: Maria Lúcia, Margarida, Raffaello, Claret, Helena Ferreira, Helena Monteiro e Maria Auxiliadora, por serem exemplos de força, dedicação e respeito ao próximo.

Tia Márcia, pelas conversas de fim de tarde que me orientaram a seguir a direção certa. Nilton, pela sabedoria que me foi estendida. Tio Marcos e Celinha, pelo enorme incentivo desde o primeiro momento. Tio Júnior, Tia Águeda e Guilherme, pela energia e alegria a mim destinadas. Tia Marilda, tio Borges, Fábio, André e Maíra por estarem sempre dispostos a ajudar de alguma forma.

À Marcela Ribeiro Reis, pela cumplicidade e carinho, sendo responsável pelo apoio na conclusão da graduação.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração por esta oportunidade.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, fica aqui o meu carinho.

## **LISTA DE IMAGENS**

**IMAGEM CAPA:** Manipulação digital de frame de um vídeo sobre memória.

**IMAGEM 1:** Recorte do desenho do rosto de Dona Hilda. 15 cm X 20 cm. 2013.

**IMAGEM 2:** Registros do processo de fotogravura acontecendo. Casa Gravada.

**IMAGEM 3:** Registros do processo de fotogravura acontecendo. Casa Gravada.

**IMAGEM 4:** Registros do processo de fotogravura acontecendo. Casa Gravada.

**IMAGEM5:** Fotografia de Dona Hilda. 15 cm X 20 cm. 2010.

**IMAGEM 6:** Caderno de estudos. Estudo da imagem

**IMAGEM 7:** Recorte da gravura “O Portão, Porta-se”.David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta e Água-forte. 40 cm X 60 cm. 2015.

**IMAGEM 8:** Recorte da gravura “O Portão, Porta-se”.David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta e Água-forte. 40 cm X 60 cm. 2015.

**IMAGEM 9:** Recorte da gravura “O Portão, Porta-se”.David Loureiro. Fotogravura em Metal –

Água-tinta. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 10: Recorte da gravura “O Portão, Porta-se”. David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 11: Gravura “O Portão, Porta-se”. David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 12: Recorte da gravura “O Bambuzal”. David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta com Relevo seco. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 13: Gravura “O Bambuzal”. David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta com Relevo seco. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 14: Relevo seco na gravura “O Bambuzal”. Fotogravura em Metal – Água-tinta com Relevo seco.

IMAGEM 15: Relevo seco na gravura “A Cerca”. Fotogravura em Metal – Água-tinta com Relevo seco.

IMAGEM 16: Recorte da gravura “O lado Poético” David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 17: Gravura “O lado Poético” David Loureiro. Fotogravura em Metal – Água-tinta. 40 cm X 60 cm. 2015.

IMAGEM 18: Fotografia da estrutura da Luminária. 44 cm X 15 cm X 15 cm.

IMAGEM 19: Fotografia da estrutura da Luminária. 44 cm X 15 cm X 15 cm.

IMAGEM 20: Fotografia da estrutura da Luminária. 44 cm X 15 cm X 15 cm.

## SUMÁRIO

- 12 RESUMO
- 13 INTRODUÇÃO
- 14 DESMEMÓRIAS
- 15 O LADO POÉTICO
- 22 HERANÇA AFETIVA
- 24 AS CLAREZAS E OS MISTÉRIOS
- 28 AS PRODUÇÕES E SEUS SÍMBOLOS
- 38 O CAMPO TRIDIMENSIONAL
- 40 POÉTICA FINAL
- 42 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



## RESUMO

O presente texto permeará entre os campos dos conceitos da memória em sua origem: o intelecto; e objetiva clarear, tão só, eventos específicos sobre o modo como se comportam os sentimentos, pensamentos e ações, em um contexto de esquecimento crônico, em uma visão poética e relação direta com o processo de produção em gravura em metal.

*This text permeates between the fields of the concepts of memory at its source: the intellect; clear and objective, as only specific events on how they behave the feelings, thoughts and actions, in a context of chronic forgetfulness, in a poetic vision and directly related to the production process engraving.*

### Palavras-chave

**Memória, esquecimento, Alzheimer, gravura em metal, desconstrução**

# 13

## INTRODUÇÃO

A nortear a minha linha de raciocínio, parto do ponto em que memória nada mais é do que tudo o que não é esquecimento. O que é o esquecer, então? Podemos assim, entrar em um jogo de respostas que nos mostrará algumas palavras chaves, cabíveis de esclarecimentos, para que possamos seguir adiante. Memória. Lembrar. Permanência. Reviver. Esquecer. Vazio. Um entre - espaço. Uma centelha de energia que parte do nada para lugar algum, na qual é armazenada e, em seguida, transformada em um novo referencial. Imagético ou não. Ou mesmo esquecida.

Com essas palavras rápidas que me vieram à mente, propiciei certo material para dialogar sobre memória. Presente no tempo-espacó, desde o início, a memória costura como uma agulha o tecido histórico da humanidade. É possível memorar até o que não vivenciamos, mas, de certo, nos fora dito. Ou estudado.

## DESMEMÓRIAS

O interesse desta pesquisa se inicia com uma produção artística pessoal. Porém, antes mesmo de pensar em produção, devido a ter em meu âmbito familiar uma pessoa com Alzheimer. Dona Hilda. Avó. Oitenta e um anos de idade. Começou a apresentar esse quadro clínico de esquecimento há pouco mais de três anos; interessei-me com a poeticidade geral da situação à qual se apresentava.

O convívio com Dona Hilda fez-me redirecionar o olhar para todas as histórias que não são contadas. Ou, melhor dizendo, sobre histórias que são contadas, mas, esquecidas dentro de um prazo de eliminação/ desintoxicação de memórias, estabelecida pelo próprio organismo cerebral, como mecanismo de defesa. A ideia que me apetecia, era a de relacionar Arte (com minhas produções), Sociedade (com a visão de como essa doença era vista) e Alzheimer (com o lado poético do “mal”).

Nessa atmosfera familiar, comecei a observar algumas situações cotidianas em que o nível comportamental de Dona Hilda era mecânico. Atividades como ligar/ acender o fogão, abaixar o volume da televisão, abrir gavetas e a geladeira eram repetidamente executadas, como tarefas pré-estabelecidas pelo cérebro, substituindo o lugar de informações recentes. Horários de remédios eram esquecidos, deslembranças sobre objetos guardados e conversas ditas há pouco espaço de tempo, desapareciam.

Caminhei com ela até, tão só, deixar-me interessado pelo funcionamento da doença. A perda, agora não era mais vista como falta/ defasagem. Houve uma ressignificação. O tempo presente de Dona Hilda era feito de momentos passados que, aos poucos, se transformavam em vazio, porém, essas informações ficavam armazenadas em algum lugar, esperando o gatilho certo a ser puxado para emergir. Talvez esse gatilho não disparasse outra vez mais.

A vontade de deliciar-me em um devaneio por um lado mais poético/ transcendental do mal acometido me aflora:

# 15

## O LADO POÉTICO

*"Notemos, aliás, que um devaneio, diferentemente do sonho, não se conta. Para comunicá-lo é preciso escrevê-lo, escrevê-lo com emoção, com gosto, revivendo o melhor ao transcrevê-lo. Tocamos aqui no domínio de amor escrito." (BACHELARD, 1988, p. 7).*

Abrindo certo parêntese: desde nosso primeiro contato com o mundo, quando nascemos, recebemos a todo o instante, diversas informações visuais, auditivas, olfativas, gustativas e tatuais provenientes do ambiente ao qual estamos ligados; fato que possibilita nosso desenvolvimento de caráter emocional e imagético. E nesses canhoneios de referências começam ali a construir o que gosto de denominar de Memória Afetiva (MA), que nada mais é do que a estruturação de nossa herança de sentimentos, que, pouco tempo após, definirão nosso caráter, o modo como nos relacionaremos socialmente e a nossa maneira de reagir a diversas situações de maneira ética e aceitável, através de uma visão imposta por padrões.

Comandando todos esses acontecimentos simultâneos, temos o tão complexo aparelho cerebral e é lá, em alguns sub-recintos, que são arquivadas nossas lembranças, respeitos e saudades, assim como alguns eventos negativos que um dia foram vivenciados em nossas vidas.

Em reflexão, me vem ao pensamento que podemos até subdividir a construção e armazenamento intelectual do nosso referencial imagético. Claro que esse processo ocorre inconscientemente e parece fragmentar-se antes de chegar a nosso núcleo cerebral. Uma região guarda forma. Outro local guarda cor. Enquanto acolá armazena o onde, quando, movimento, contexto... E assim, temos nossos detalhamentos preservados. Fecha parênteses.

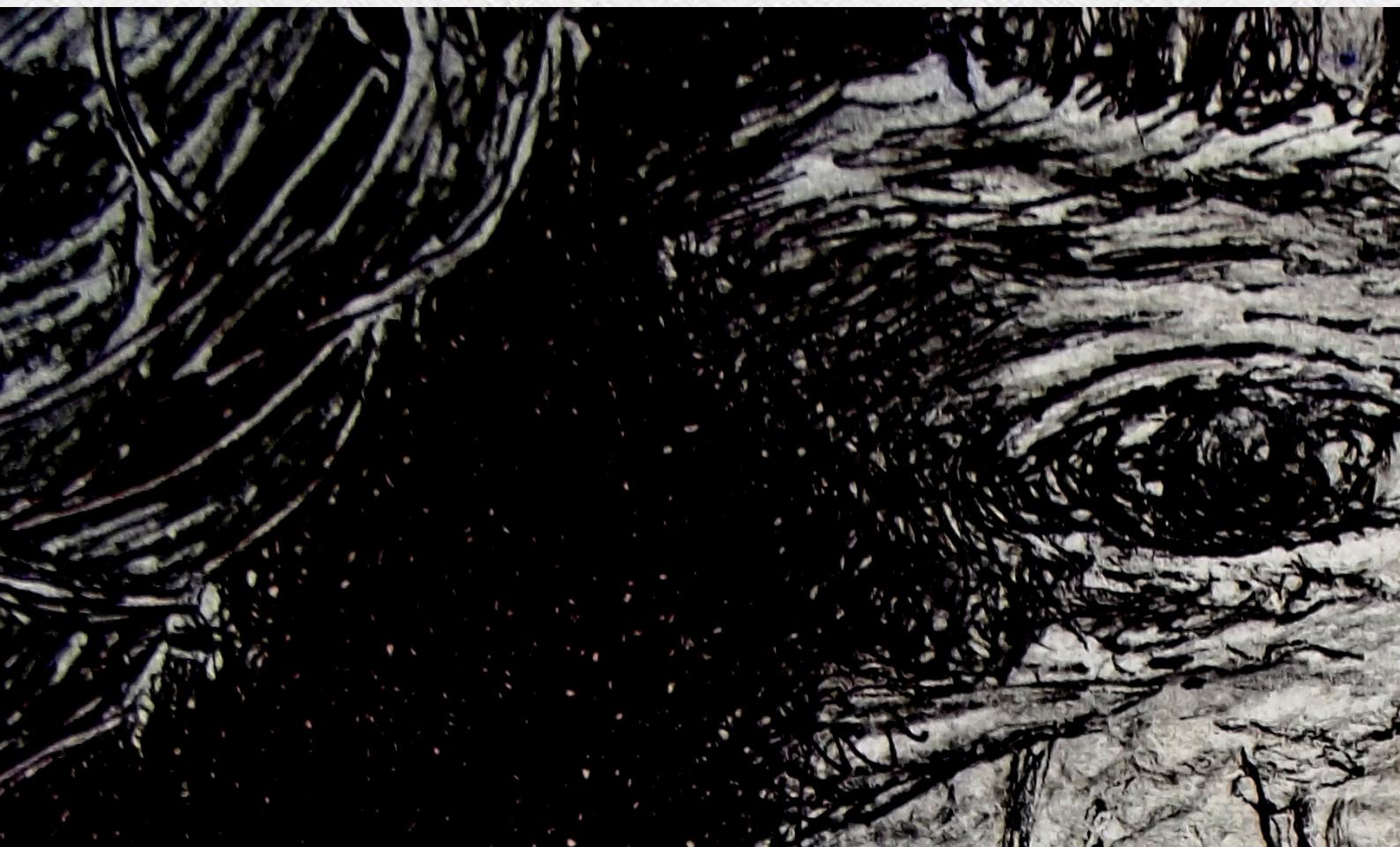
Mas o lado poético. Ah, o lado poético...

Todos nós sabemos leigamente, que o cérebro é um emaranhado de células nervosas, chamadas neurônios, que, se ramificam e interligam-se uns aos outros até formar uma espécie de teia neural. Com esta definição espero, somente, criar elementos que estarão presentes em minha produção artística pessoal. Emaranhados. Resquícios de minhas próprias memórias e lembranças de um amor eterno em vida (Dona Hilda). O “mal” na verdade, apresenta um lado inexplorado até então, em forma de poesia.

Outra forma de idealizar positivamente o padecimento gradativo.

Lembro-me como se fosse ontem, de uma cena protagonizada por Dona Hilda:

Estava eu na janela de seu apartamento, que dá visão ampla para a rua e, mesmo sendo primeiro andar, a vista alcança o horizonte com extrema facilidade. Debruçado. Permiti-me alguns instantes em estado contemplativo. Enquanto isso, Dona Hilda abria insistentemente algumas gavetas que continham sabonetes, abria caixinhas que se bastavam por cima do móvel, ao lado da cama e por fim, aconchegou-se ao meu lado, de pé, também a olhar o horizonte. Virei cuidadosamente o meu rosto para observá-la e percebi que não existia ali nenhuma preocupação. Aquele momento bastava para ela. Um instante de vida que valeu por si só. Felicidade.



A construção da memória se dá de forma interessante. (...) “A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens.” (BACHELARD, 1978, p. 196) A mudança é uma questão de um novo referencial. Uma nova relação. Ou mesmo um velho ponto de vista transformado por pensamentos secundários ao primeiro. Acontece assim, uma sobreposição, e, isso ocorre justamente devido à intensidade das nossas memórias. Existe memória boa e existe memória que não presta.

Drummond, em seu poema denominado “Memórias” instiga-me:







**“Amar o PERDIDO deixa con-  
PODE o OLVIDO CONTRA o sem se-  
tangíveis TORnam-se Insensi-  
as coisas FINDAS, MUITO mais**

**FUNDIDO este CORAÇÃO. NADA  
ENTIDO APETO DO NÃO. AS COISAS  
ÍVEIS À PALMA DA MÃO. MAS  
S QUE LINDAS, ESSAS FICARÃO.”**

## HERANÇA AFETIVA

É digno de nota quando percebemos que os sentimentos e os laços afetivos sensíveis tornam-se muito mais fortes frente à ausência de uma pessoa. Uma espécie de vazio de pensamentos, beirando a abstração. Saudade. No caso, vivenciado pela ausência física. Mas a tragédia não é quando uma pessoa falece; a tragédia é aquilo que morre dentro de uma pessoa enquanto ela ainda permanece acesa.

Dona Hilda adormeceu, mas deixou acordado em meu coração a vontade de buscar. Fazer e desfazer. Entender a construção para levar à possibilidade da desconstrução. Sair do campo das ideias e colocar em prática. Pesquisar e valorizar os resultados. E assim, a grande trama de minhas observações é a questão da (des)memória e a relação única e direta que ela apresenta com o nosso exterior, ou seja, nossa camada mais visível: a pele. Talvez a física ainda não explique, mas a resposta para esse questionamento é bastante interessante. “O que está dentro é o que está fora. E vice-versa”. O que há de perda é exatamente o que há de ganho, basta sentir com os olhos, através da visão, por outro ângulo.

O nosso corpo e, principalmente nossa pele, traduz nossas vivências, respondendo pontualmente à passagem de tempo. E partindo desta lógica, passo a enxergar a gravura em metal como um processo corpóreo que, além da ligação física e rudimentar do trabalho, os gestos e a luta, também funciona como uma memória externa, onde as rugas, as hachuras, as manchas ocasionadas pelo tempo, as histórias que cada traço nos conta, dizem muita coisa, sem, ao menos, dizer uma só palavra.

A sugestão do traço feita pela ponta-seca se sobrepõe em níveis diferentes, formando camadas que, ao final do processo de gravação, tornam-se o produto. Ao se expor esse produto em uma galeria, por exemplo, ou até mesmo em outro espaço de legitimação artística, pouco se conhece sobre quais os meios e as clarezas para se chegar àquele fim, leigamente falando. A não ser, é claro, se o expectador conhecer um pouco sobre gravura em metal. Vale ressaltar que apresentar esta analogia sobre pele (enquanto superfície corporal) e memória entre o modelo de metal e o processo de gravação é extremamente enriquecedor para este tópico.

Devaneio:

A superfície da chapa encontra-se lá. Intacta. Crua. Protegida e recém-chegada da loja. Assim como uma criança que acabou de nascer da barriga de sua mãe. Recebe

cuidados. Banhos. Curativos. Só há ali uma incrível inocência fenomenológica entre “olhar e ser visto”. A mãe olha sua obra. O artista olha seu filho. E a obra retribui os olhares a ambos, ansiosos que estão para viver ao lado do pequeno. Já existe uma forte ligação entre eles. Querem evoluir, fazer crescer. Só o tempo impõe amadurecimento. E ali crescem, vivendo, estudando, pesquisando e descobrindo até no dia em que o filho se sustenta com as próprias pernas. Há casos que as obras vivem com seus pais até certa idade avançada. Umas mães não sabem lidar muito bem, outras cuidam e deixam ir, pois o amor só dura em liberdade.

Os filhos entendem nossas limitações e nós entendemos as deles. O metal conhece as minhas. E agradeço a ele por isso.

Sobre a poética das camadas:

O dicionário me informa que a definição de camada é uma “porção de matéria considerada como parte do todo ou da espessura de algo, que pode ser distinguida do resto por alguma característica própria ou por um critério preestabelecido”. Concordo e acrescento. Na pintura, por exemplo, a dialética das camadas se dá de forma que a métrica das pinceladas se completam, sobrepondo cores, experiências e gestos, de forma que nossa mente faz-nos reconstituir todo o processo de justaposição até obter o resultado visível: a superfície da tela ao se deparar com o olhar em transformação.

No processo interno de memórias e (des) memórias, o compasso funciona também pelo método de camadas. Conseguimos observar o processo de sobreposição na pintura em um vídeo-documentário que Pablo Picasso gravou em 1956, denominado “El Misterio de Picasso”. Vídeo este que ilumino, tão só, para relacionar as sobreposições com o processo de construção e armazenamento das nossas memórias, que se dão à mesma maneira: Informações primeiras do nosso dia vão se modificando à medida que informações novas vão chegando e dando espaço a um desdobrar da consciência, em forma de ideias. Memória e esquecimento, Referência e transformação. Memória transformada que resulta em esquecimento da primeira referência. São pontos importantes de serem mencionados. Vale ressaltar, que este processo também ocorre no metal, afinal, na chapa em que se grava com o risco, não há nada além do risco que se corre. E por mencionar “risco” como metáfora de medo (...). Não há sentimento que engrandeça qualquer busca do que o próprio receio. A grande questão é que nesta busca, muitos se perdem. Mas às vezes é preciso permitir-se perder, para que a procura tenha sentido.

## As Clarezas e os Mistérios

Minha busca no atelier iniciou-se, anteriormente, na Serigrafia. E depois de um semestre letivo dedicando-me à produção serigráfica, resolvi mudar um pouco meu foco e comecei a me relacionar com a gravura em metal, que no início, ainda timidamente, produzia sem entender qual seria a minha proposta de trabalho, a minha motivação e base conceitual a ser explorada. A série de gravuras que apresento, denominadas “Desmemórias” foram as primeiras na identificação do meu traço com a poética que vinha buscando. No caso, precisei de um amadurecimento intelectual, que demorou a vir; depois de várias leituras e bloqueios vividos, mas, a meu ver, chegou pontualmente na hora que devia chegar.

Hoje em dia, apresento um vasto repertório para abordar minha produção artística, e, isso se deve também ao período em que essa série de gravuras ficou exposta no Museu Inimá de Paula, localizado no centro de Belo Horizonte. A exposição permaneceu de 17 de agosto até dia 11 de outubro. Aproximadamente dois meses. Os meses que convivi a maior parte do tempo com meu trabalho. Onde pude perceber que existia uma inocência visual a ser explorada. Essa exposição era coletiva e a conversa com os outros artistas para estabelecer uma possível linha curatorial, me fez perceber que as gravuras estavam um passo à minha frente, elas haviam ganhado corpo, haviam crescido, enquanto ainda as tratava como crianças. Como ideias e sugestões.

Trabalhei como estagiário no Museu Inimá de Paula há quase dois anos e ministro o exercício de Arte-educar alunos de idades diversas, provenientes de escolas da rede municipal e participantes do Programa Educacional Criança no Museu. Antes disso já havia trabalhado também no campo artístico e equipe de arte-educação do museu Inhotim. É evidente que criar um diálogo sobre obras de arte alheias é uma tarefa muito mais leve e desimpedida. Mas quando se trata de nossos próprios filhos, a situação torna-se complexa. Porém, não é uma regra, há quem diga exatamente o oposto.

O repertório textual e conceitual que adquiri realizando visitas como mediador de minha própria arte, fez-me enxergar algumas questões que antes não havia parado para pensar. Lembro-me especificamente de duas perguntas realizadas por adolescentes interessados, no calor da conversa de campo poético. Nessas horas, empolgo-me. Meu mundo de fantasias se torna tão admirável, que ultrapassa o campo do poder imaginável. Mas ainda assim, fui surpreendido com algumas curiosidades das seguintes:

# 25

\_Por que trabalhar apenas com o preto e o branco? Perguntou ela, logo após tê-los explicado sobre como acontece o processo da gravura.

\_E Por que não usar cores, se, ao falar de sua avó, você apresenta tanto brilho nos olhos?

Abaixei a cabeça, pensativo. E, por um instante, não encontrei resposta. Ainda não havia me perguntado sobre isso.

Voltei o olhar para as gravuras na parede e obtive uma resposta quase imediata.

Disse - ainda ponderado:

\_Na dialética da memória e, especificamente no interior de uma pessoa que apresenta um quadro de esquecimento crônico, a sombra é o contexto que simboliza esse lado misterioso, na qual as informações se perdem. Um universo inteiro que cabe dentro de um abismo, porém, ao mesmo instante que percebemos essa ausência de consciência, a pessoa tem seus momentos de clareza, onde a luz representa, categoricamente, que, há todo um ser humano vivente, pensante e que entende que sua situação não há entendimento. Mas, ainda assim, há uma perceptibilidade. Uma perfeição.

As cores também transmitem sentimentos a todo o instante. Sabemos também que elas nos relacionam a lugares dentro de nossas memórias mais íntimas. O azul, por exemplo, pode lembrar aquela viagem de barco que uma criança fez com seu pai. O vermelho pode te despertar o amor ou a vergonha. Agora, o preto e o branco, a meu ver, foram condenados a andarem lado a lado, por toda eternidade. Para existir um, o outro necessita estar por perto. Eles se relacionam em diferentes intensidades, encontrando tons de cinza variados, que nascem da correspondência do amor que sentem um pelo outro. Eles brigam claro, como todo casal; construindo a ideia e o sentimento que se instaura ao admirar uma obra. Às vezes, sombrio demais. Às vezes, sereno e leve demais. Mas quando se entendem e encontram o equilíbrio da balança interior, encontra-se também um motivo para não precisar usar de outras cores para falar de amor.

Em minha produção artística pessoal utilizo de muita simbologia para trabalhar conceitos mais complexos. Ao abordar um tema que, até tão pouco, a ciência não conseguia explicar totalmente, e ainda não se arisca, caminho pelo campo da poesia, onde posso apresentar uma “certa licença” para tratar esse assunto com o total e merecido respeito que ele ocupa dentro de minha memória afetiva.

Como dito anteriormente, os símbolos estão sempre presentes em meus trabalhos como solução para dialogar com a temática. Utilizo grades, cercas e emaranhados para criar uma conversa única, diretamente ligada ao esquecimento. Neste caso, esquecimento não pode ser relacionado à perda. O esquecimento é visto como ganho. Pois se ganha em riqueza de imagem. O processo de trabalho em metal é construído a partir de uma fotografia que se transforma em desenho, que logo mais é levada à chapa e quando se tem uma gravura quase perfeita e hiper-real, entra em jogo a desconstrução da imagem. Há a possibilidade também de relacionar essas gravuras às fotografias antigas nas quais, no processo manual de revelação, acontecia da imagem não aparecer de forma nítida e, se apresentavam muito apagadas em certas regiões. Mas este não é o foco.

Ouso também a trabalhar com o fotopolímero, no processo da fotogravura. Cabível de esclarecimento:

Valho-me do processo da fotogravura naturalmente. Talvez a minha passagem pela serigrafia culminasse nesta busca inconsciente por um processo rápido e eficaz da transposição da imagem pronta para a chapa de metal. No caso, latão. O processo é bem simples: O fotopolímero nada mais é do que um adesivo. Uma superfície aderente da espessura de um papel celofane. Esse fotopolímero é sensível à luz natural, funcionando da mesma forma que a emulsão sensibilizada funciona para a serigrafia. Existe ali um tempo de espera de secagem de dois dias, após a aplicação do polímero. Assim como na Serigrafia, deve-se ter, impresso em uma transparência, a imagem a ser transferida para a chapa. Essa imagem é levada junto à mesa de gravação, sensibilizada pela luz ultravioleta e ao final do processo, lava-se a chapa ainda no escuro, para revelar a imagem, utilizando um reagente: o percloro de sódio. Logo, em palavras simples, a fotogravura é uma serigrafia feita na chapa de metal, substituindo, tão só, a superfície da tela de nylon, conveniente à técnica serigráfica.

27



## AS PRODUÇÕES E SEUS SÍMBOLOS

A produção artística pessoal, que foi desenvolvida simultaneamente à construção desta pesquisa, sofreu algumas mudanças ao longo do percurso. Estranho seria se ao desenrolar da escrita, não surgissem ideias relacionadas a toda essa poeticidade que movimentaram o desejo de fazer impressões de gravuras em metal somadas a relevos-secos, abarrotadas de ícones que se associam, direta ou indiretamente, com o tema proposto.

Penso que, não são as ideias que guiam as palavras. É totalmente o inverso: as palavras é que guiam as ideias; além da intuição, da emoção, que são importantes à memória afetiva.

A base que alimenta essa minha busca por uma produção simbólica é Dona Hilda. Através de uma foto cedida por Diogo Navarro, realizei alguns estudos que originaram, mais tarde, a primeira gravura feita da série “desmemorias”, denominada “O Lado Poético”, através do processo de fotogravura.



Atribuo uma presença constante da poesia em minha vida, minha criação (o modo como fui criado e a atividade da criação como criatividade em si), e minha memória afetiva, o que refletiu em meus processos e produções artísticas.

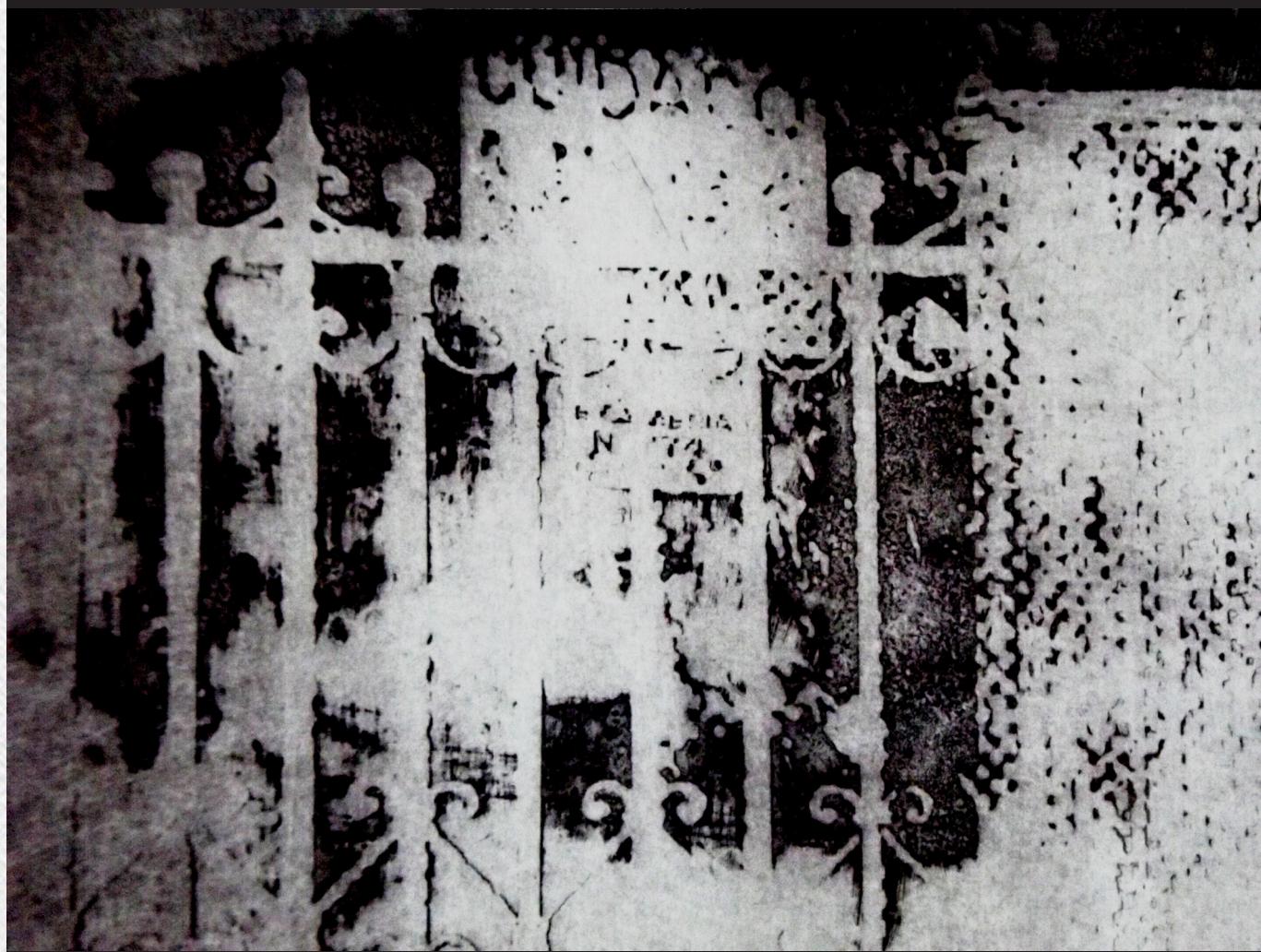
A motivação que me levava a produzir esta série recente foi justamente o carinho que Dona Hilda me emprestou durante todos os anos de sua vida. Descobri que só consigo produzir quando existe um sentimento forte e sincero envolvido. Foi assim na primeira gravura que produzi e foi assim também quando estava à procura de um fundamento que resultaria em minhas produções atuais.

Neste meu trabalho incessante de artista gravador, entendi o meu lugar. Entendi o modo de melhor me relacionar com os materiais e entendi a reciprocidade afetiva com que eles nos tratam de volta. É a antiga, mas atual história do “olhar e ser visto” de Merleau Ponty. Entender e ser entendido. Uma consciência a priori da celebração do visível.

## A simbologia das grades

Em minha série de quatro gravuras denominadas “desmemorias” existe uma que recebe o título de “O Portão, Porta-se”. Nesta chapa, aparentemente, vê-se um portão de grades velhas de ferros retorcidos e enferrujados, textura que induz certa passagem de tempo. Em rápida consulta ao dicionário de símbolos e sonhos, encontro alguns parágrafos que argumentam sobre o significado das grades de ferro e o relaciona com certa aflição, dureza e perplexidades da mente. Porém, apresento aqui minhas considerações, cuidadosamente sutis, no corpo desta pesquisa.

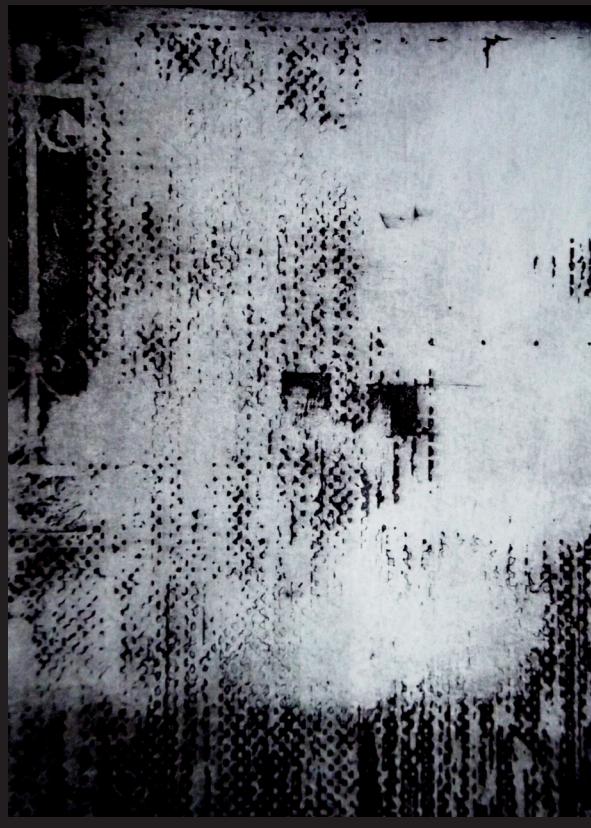
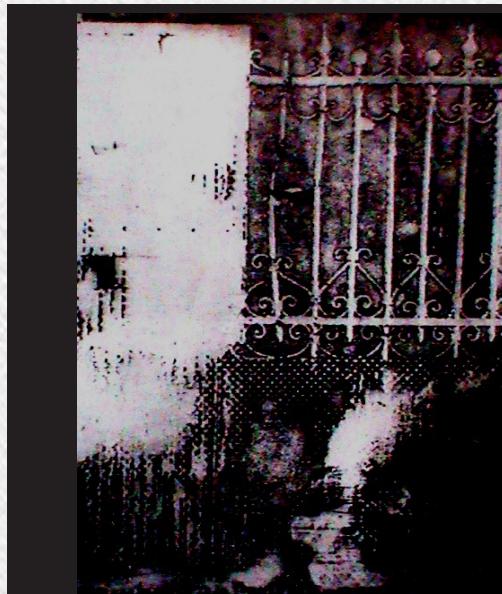




# 31

O portão é tido como um ponto de entrada, para um espaço interior fechado por paredes; ou como saída, com uma abertura em um muro ou cerca. Apresenta aqui então a idéia de fluxo, com suas idas e vindas. A função social do portão, independente se é antigo ou novo, no geral, é proteção, prevenção, e, até, mesmo, decoração, em último caso. Há então, o objetivo de se guardar algo em seu interior, de extrema valia: a nossa casa.

Penso que para conseguirmos obter um nível de relaxamento que faça o corpo e a mente descansar, precisamos estar em um ambiente que nos transmita tranqüilidade. Necessitamos estar em casa. Ou sentir que estamos em casa (anulando qualquer relação de casa no sentido físico da própria palavra). O lugar “casa” existe, mas ele não é exatamente um lugar que possa ser encontrado por outros. Pelo menos, não precisa ser.



E ao adentrarmos a este lugar, ele precisa estar minimamente organizado para que se dissolva toda a preocupação que gera ansiedade. Em casa, somos nós com nós mesmos. E com vários nós, prontos para serem desfeitos. Casas possuem quartos. Quartos possuem armários, que por sua vez, possuem gavetas. As casas armazenam memórias afetivas. As gavetas subdividem esses armazenamentos. Imagine uma casa em que você esteja sentado no sofá da sala, onde todas as portas internas, corredores e acessos para os demais cômodos estejam bloqueados. Um caminho presente, mas intocável, censurado e inativo. A casa, neste caso, torna-se uma analogia sutil e coerente



32

de memória e o processo de transmissão de pensamentos que ocorrem internamente. A mente comanda o corpo, apesar de existir uma corrente de estudos científicos nos tempos atuais que dizem que o verdadeiro centro da inteligência não é mais o cérebro, mas sim o coração.

# 33

Porém, na imagem, o velho portão encontra-se fechado. Nossa percepção então é levada para o canto superior direito da gravura onde podemos identificar uma escrita dizendo: Cuidado: a mente pode ser um lugar perigoso.

Esta imagem em si, está sendo desestruturada, está se apagando perante a passagem de tempo, está se deteriorando frente ao poder de Chronos, o Deus do Tempo que pode ser medido; associado ao movimento linear das coisas terrenas, com um princípio e um fim, assim como as lembranças de Dona Hilda: sutilmente se vão. Na ocasião que esta série foi exposta no Museu Inimá de Paula, o Portão abria a seqüência de imagens, podendo também ser interpretada ao avesso, fechando a série.

## A simbologia dos emaranhados:

Afirmo que, ao produzir as obras, deparei-me com meu lado mais íntimo, e a ideia, que antes era baseada em memórias afetivas relacionadas somente à Dona Hilda, passou a apresentar uma relação direta com todo um aprendizado pessoal interior, a nível intelectual, por trás de minhas imagens. Logo, apresento um referencial simbólico pessoal, ao expressar em “O Bambuzal”, um emaranhado de traços e galhos finos em meio a bambus, em um recorte fotográfico transformado em fotogravura em metal.

Porém, penso ser inevitável não relacionar a imagem em si com um detalhado sistema neurológico, onde os galhos finos e compridos se entrecruzam em diversos níveis, possibilitando, até mesmo, cogitar uma ligação entre todos. Essas ligações são responsáveis pela transmissão de informações e memórias, no campo da neurociência. Porém, no campo da poesia, podemos devanear sobre um legítimo acontecimento inesperado: um rompimento. Quando estes galhos perdem as devidas conexões, seja pela força do vento (o pensamento) ou pela chuva de ideias que possa as atingir, as informações terão que procurar outras soluções para que possam encontrar o mesmo destino do percurso anterior. Entra em ação, então, o acaso do esquecimento e a busca para se reaprender ou encontrar um novo caminho, por mares jamais navegados.

Poucos sabem, mas, o ciclo de crescimento do bambu é, no mínimo, curioso de se observar: durante um bom tempo o bambu não apresenta crescimento visível. Parece

não haver progresso nenhum. Contudo, ele se encontra a estruturar sua base, da melhor forma, para que possa crescer forte num futuro próximo. Durante esse tempo,



34

que o bambu permanece “parado”, suas raízes se entrelaçam e se expandem por baixo da terra, alcançando áreas distantes e profundas. Com paciência e confiança, ele vai acumulando energia para um vigoroso avanço futuro. Então, quando afirmo mesclar a relação entre Dona Hilda e eu, na mesma imagem, apresento, ao mesmo ponto, um amadurecimento pela maneira de entender meus trabalhos e as referências afetivas e intrínsecas que estão presentes no mesmo.

As raízes, por sua vez, se tornam um objeto crescente que preenche um determinado espaço do solo. E ali, eles retiram nutrientes da terra e sugam todos os suprimentos necessários para a sua sobrevivência. Se pensarmos no solo como nossa mente e os nutrientes da terra como uma espécie de lembrança que é sugada à medida que precisam fornecer esses nutrientes para o crescimento saudável das raízes, as mesmas se tornam uma metáfora poética de como o esquecimento (raízes) se alimentam de

35

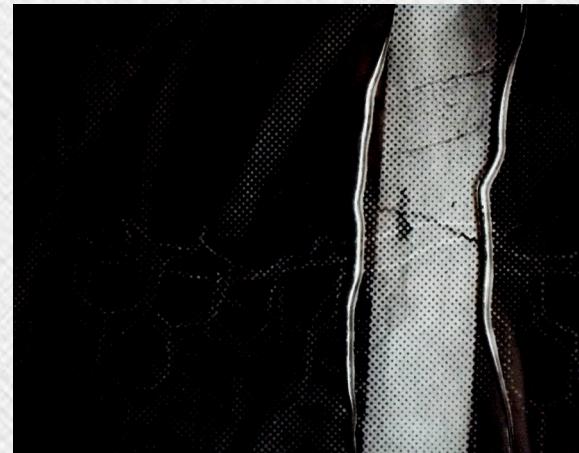
nutrientes do solo (pensamentos, lembranças e memórias afetivas).

Para se entender melhor, sinto a necessidade de devanear:

Quando a arrogância não encontra argumentos, também se transforma em silêncio.

## A simbologia do relevo seco:

O relevo seco aparece em duas gravuras da série “Desmemórias”. “O Bambuzal” e “A Cerca” conversam, sutilmente, em um lugar comum: a fresta, abertura estreita que pressupõe a consciência de fuga e que confere certa iluminação ao lugar que se



encontra. Caminho a seguir. Ponto de escape da lembrança. Pequena parte que se pode olhar. E que permite ser vista, mas que apresenta limitação de espaço e tempo.

O pensamento se mostra natural em “A Cerca”:

Nessa obra, deparamo-nos com uma cerca, que logo identificamos como sendo feita de arames, material peculiar e eficaz para sua função: cercar.

O vento venta.

E a cerca, cerca.

E assim as coisas vão cumprindo seus destinos. No caso, a cerca feita de arame cumpre

rigorosamente o papel de marcar o limite de um terreno, ou contornar parcial ou completamente, a passagem de informação para dentro ou para fora. O terreno delimitado transmite a ideia de campo do pensamento. Terreno mental. Que mostra seu lado obscuro, misterioso, através da escuridão da tinta preta, mas também apresenta certa clareza, determinada por duas frestas feitas através da técnica de relevo seco.

A fresta também se faz presente em “O Bambuzal”. Aparece como simbologia de caminho: um lugar único, que fora reservado para ser usado quando não há mais esperanças de passagem junto aos emaranhamentos e, tão só, suprir a necessidade de continuar caminhando, sempre seguindo adiante, como as memórias de Dona Hilda batalham para serem lembradas.

## A simbologia da desconstrução:

36

Penso, que todo artista jamais consegue criar sem antes ter uma referência visual sobre algo. Analisando esta lógica, quanto mais leituras e imagens entrarem em seu campo de visão, mais elas se desdobrarão em novas ideias, releituras e permitirão a absorção de formas para uma melhor composição de seu trabalho futuro. É certo que, o próprio conceito de (des) construção nos predispõe a trabalhar sobre uma superfície já construída, já pensada. Pois só pode ser desfeito aquilo que está pronto, o que nos remete a dimensão do conhecimento. Para desconstruir é preciso entender o que já foi feito. Observar os resultados e o processo de desenvolvimento para que chegue ao ponto esperado. Ou inesperado.

É de extrema importância pensar que em um processo de desconstrução, nem sempre as etapas anteriores irão se repetir. Isso quer dizer que, as etapas e interferências feitas no ato da gravura, acrescentam riqueza à chapa.

Lembrando que é possível, claro, controlar a maior parte dos resultados através da técnica bem executada. Porém, ainda resta um tempinho para o acaso entrar em ação e expandir o campo de ideias. No meu caso, não me preocupo muito em controlar os resultados, deixo meu trabalho dizer aonde ele quer chegar, liberdade necessária para

**37**



alguém que almeja a confiança do seu próprio material de trabalho.

O acaso é inerente ao gravador.

O acaso é inerente a mim.

Logo, o acaso é inerente à construção e à desconstrução.

Desconstruir é diferente de destruir. Na linguagem da poesia da imagem, desconstrução é entendida como um continuar do processo da ação do fazer, ou seja, construindo ou desconstruindo, o processo sempre caminha para frente. Segue. E não olha para trás, e, quando olha, dificilmente encontra vestígios do caminho aberto anteriormente, porém os vestígios estão presentes no universo que não é mais visível, pois fora sobreposto por alguma interferência.

Parece estranho pensar em não ter caminho de volta. É como se imaginássemos o funcionamento de uma borracha e um lápis e as suas devidas relações com os vestígios dos atos de apagar e escrever. À medida em que o lápis escreve letras em um papel, apresenta certa relação corpórea com a superfície e se torna inerente ao erro. A borracha atua para corrigir os atos falhos cometidos pelo lápis. Porém, o papel desmanchado, a borracha e o lápis apresentam vestígios da intervenção. Assim como no processo de esquecimento, a informação continua ali, porém, não consegue encontrar o caminho para que possa ser ativada e assim, lembrada, dita. Quando, no universo macro, o ato de desmanchar se apresenta perfeito e imperceptível aos olhos, podemos então recorrer ao universo micro ou mesmo observar a estrutura corpórea da própria borracha, que, em tom dramático, perde parte de si para conceber o poder da segunda chance. De oportunizar a reescrita no mesmo espaço que já fora escrito anteriormente. Portanto, quanto mais borracha se usa para desmanchar, menos borracha se tem.

## O CAMPO TRIDIMENSIONAL

O trabalho de gravura em metal na chapa bidimensional fora se tornando insuficiente para traduzir tamanha sentimentalidade à medida que a pesquisa avançava. Havia, agora, a necessidade de ganhar espaço no ambiente ao meu redor, ganhar volume

39



na abordagem de meu trabalho. Logo, pensei em algum objeto que me remettesse à lembrança de Dona Hilda em vida. Depois de muito analisar, descobri guardado em seu quarto, uma luminária, dentro de algumas sacolas, no canto esquerdo, abaixo do criado mudo.

A luz nesse momento ganhou um significado de permanência do espírito. Pura transparência. Um objeto iluminado. Nada é mais precioso do que a luz, mas em excesso ofusca. Para prevenir este ofuscamento e para que possamos contemplar melhor os detalhes do objeto, criei uma carcaça cilíndrica ao seu redor, para conter e direcionar a luminosidade.

A luminária funcionaria como um resgate a uma memória passada de uma pessoa a outra. A questão da efemeridade dos objetos. O valor sentimental atribuído a determinadas coisas. A questão da memória afetiva e suas consequências junto ao sentimento de admiração para com um utilitário, que pode não ter significado para terceiros, mas se torna esteticamente encantador.

Atribuo o nome a este objeto de “Lembrança Portátil”. Objeto criado e planejado também para dialogar com a temática do esquecimento. Encarando o trabalho escultórico, consigo estabelecer quais foram meus próprios critérios. A ideia foi criar um objeto que dissesse algo por ele mesmo, sem auxílio de palavras. A luminosidade foi pensada para, agora, estabelecer uma ligação entre o lado da passagem que Dona Hilda transpôs. Ela está em um lugar melhor, descansando. Luminária, objeto que fica ao lado da cama sempre me passou a ideia de descanso e que é usado à noite para acrescer um pouco mais de lucidez ao ambiente.

Esta peça é composta por cinco cilindros de tamanhos variados. O maior apresenta 12,5 cm de altura e o menor apresenta 2,5 cm. Totalizando uma altura de 44 centímetros com ornamentos em água-tinta por todo seu exterior:

40

## POÉTICA FINAL

Quando ingressei na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2011, jamais imaginaria ter chegado a este momento, escrevendo sobre uma temática que me acrescenta tanto valor intrínseco. Conheci a gravura um ano após, na disciplina de Impressão e, desde então, depois de me interessar especificamente pela serigrafia e gravura em metal, dedico-me a criar obras que expressem minha relação de gratidão e amor para com o mundo.

É interessante se pensar que, muitas vezes, torna-se difícil para o artista escritor transpor em palavras um sentimento que ousa ir além do entendimento da própria palavra. Uma espécie de insuficiência que beira a frustração. Porém, penso ter conseguido passar pela razão apresentada pelos olhos de quem um dia lerá e terá chegado ao meu destino: o coração, a quem dedico grande parte da poética final, logo mais. Presumo ter alcançado o nó na garganta ou o brilho dos olhos que insistem em anunciar a previsão de chuva.

Considero um prazer poder apresentar ao universo acadêmico, o fruto de anos de pesquisa, em que pude me aprofundar no amor que me foi destinado por Dona Hilda, através das vivências e lembranças traduzidas neste trabalho e também nas gravuras em metal. Acredito que a pesquisa desdobrou-se em algo maior do que realmente foi pensado pioneiramente. Todas as experiências, dentro da Casa da Gravura e Casa Gravada foram de extrema importância para que o trabalho ganhasse corpo próprio.

Agradeço à espiritualidade amiga por ter me dado a lucidez necessária para saber expressar com dignidade toda essa poeticidade que estava engolida, querendo ser dita. Digo também, que posso cair no esquecimento, porém ainda viverei em outras memórias e corações encantados por estas palavras e olhares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

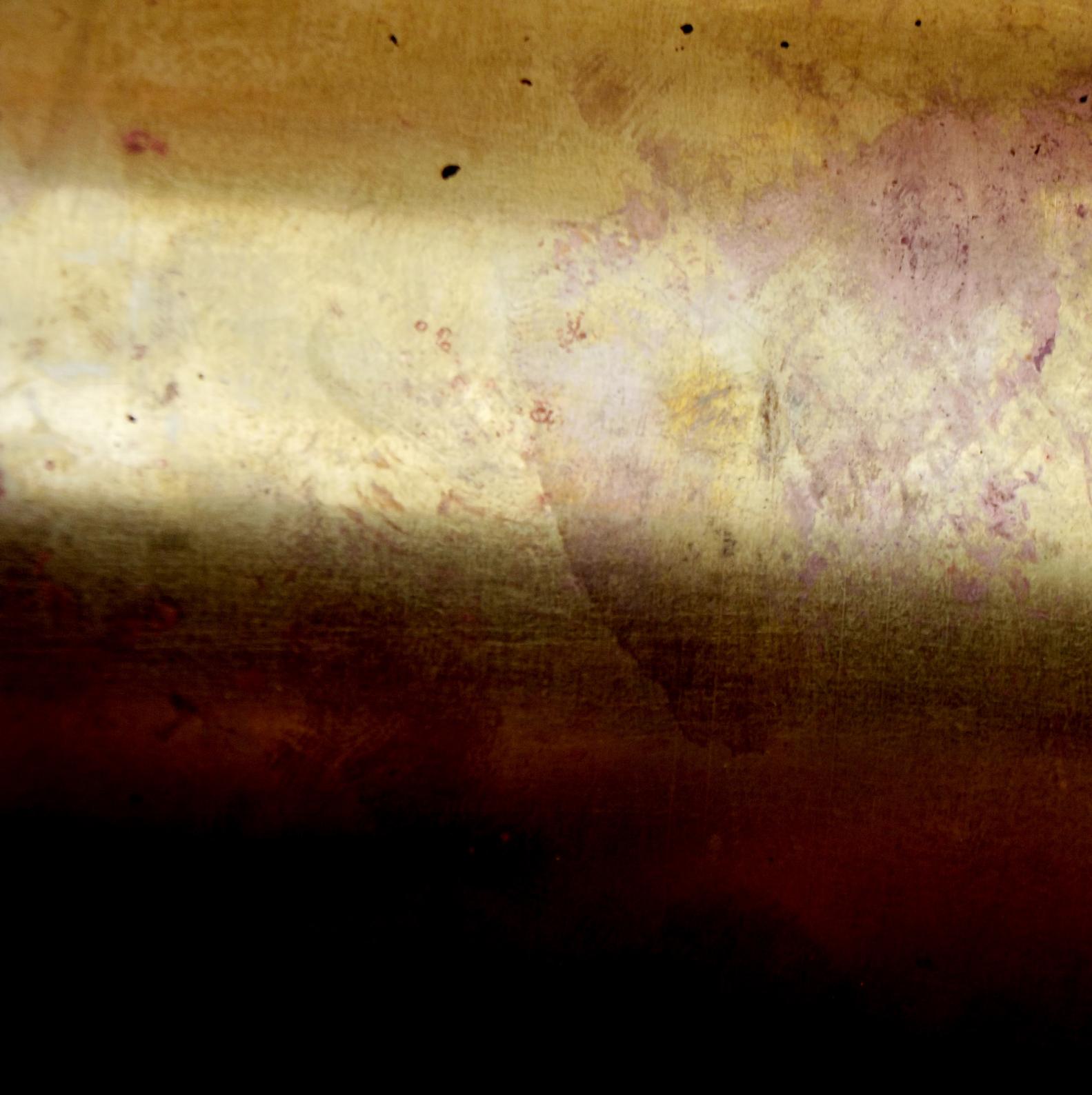
BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p.

BACHELARD, Gaston; BACHELARD, Gaston. O novo espirito científico:a poética do espaço. 3a ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 266p.

MERLEAU-PONTY, Maurice; MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Fenomenologia da percepção. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 662 p

CIRLOT, Juan - Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Moraes, 1984. 614 p.

ANDRADE , Carlos Drummond.Poemas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.





**DES** MÉMÓRIAS  
UM LADO POÉTICO  
DAVID LOUREIRO